

ESTUDO DIACRÔNICO DE MUDANÇAS SEMÂNTICAS EM PREPOSIÇÕES NA  
LÍNGUA PORTUGUESADIACHRONIC STUDY OF SEMANTICS CHANGES IN PREPOSITIONS OF THE  
PORTUGUESE LANGUAGEAlbeiro Mejia Trujillo<sup>1</sup>Maria Francisca Ferreira Trujillo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Os sistemas de comunicação desenvolvidos pelas sociedades humanas vão se tornando cada vez mais complexos dentro de processos de mudanças lentas e graduais. Para conhecer e compreender a estrutura de uma língua, deve-se estudar os estados do idioma objeto de entendimento em diversos momentos de sua história para, posteriormente, chegar-se à análise diacrônica que permite entender as mudanças como processo evolutivo. Muitas línguas se extinguíram e outras estão em fase de desaparecimento, porém, as línguas que apresentam maior estabilidade são aquelas que foram fixadas no registro escrito, alcançando níveis de gramatização que permitiram formalizar as estruturas, juntamente com os sistemas e subsistemas idiomáticos. As preposições, por exemplo, são vocábulos que integram a estrutura da Língua Portuguesa, assim como compõem os sistemas morfossintático, fonético e semântico da língua falada e escrita. As preposições, na Língua Portuguesa, embora não tenham significação em si mesmas, integram os sistemas lexical e vocabular da língua. O estudo diacrônico das preposições **com**, **em**, **por** e **per**, na Língua Portuguesa, serve como exemplo do funcionamento dos diferentes conectivos dentro de uma língua e de como seu papel estruturante define as categorias gramaticais no interior da própria língua.

**PALAVRAS-CHAVES:** diacronia; gramatização; morfologia; sintaxe; semântica; preposições.

**ABSTRACT:** Communication systems developed by human societies will complexifying within processes of slow and gradual changes. To know and understand the structure of a language, one must study the states of the object language understanding at various points in its history to later arrive at the diachronic analysis allows us to understand the changes as an evolutionary process. Many languages have become extinct and others are in the process of disappearing, however, languages with higher stability are those that were fixed in writing, reaching levels that allowed grammatization formalize structures, along with the systems and subsystems idiomatic. Prepositions, for example, are words that make up the structure of the Portuguese Language, as well as composing the morphological, syntactic and semantic systems of spoken and written language. Prepositions, in Portuguese, although no significance in themselves, are also part of the lexical and vocabular systems. The diachronic study of the prepositions **in**, **on**, **by** and **per**, in the Portuguese Language, serve as an example of the functioning of different connective within a language and how its structural role defines the syntactic and semantic categories within the language itself.

**KEYWORDS:** diachronic; grammatization; morphology, syntactic; semantic; propositions.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em Gramaticologia pela PUC/SP e Doutor em Literatura pela UnB. Consultor do Programa Idiomas sem Fronteiras da SESu/MEC e professor no UniProjeção. [malbeiro@yahoo.com.br](mailto:malbeiro@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Língua Portuguesa pela PUC/SP e Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Técnico em Assuntos Educacionais/MEC, representante da Assessoria Internacional do MEC junto à Comissão Nacional para o Instituto Internacional da Língua Portuguesa – CNIILP, representante do Brasil no Programa CPLP nas Escolas. Representante do MEC no Comitê de Políticas linguísticas para o Mercosul. [mariatrujillo@mec.gov.br](mailto:mariatrujillo@mec.gov.br)

## INTRODUÇÃO

O estudo diacrônico de uma língua tem como finalidade analisar os fenômenos linguísticos ocorridos neste idioma em seu percurso histórico, diferente da análise sincrônica que prima pelo estado do idioma fazendo recortes no tempo. Segundo Faraco (2005), a língua é um sistema de sistemas e as mudanças que ocorrem envolvem, muitas vezes, não um aspecto específico do idioma, mas um conjunto de mudanças correlacionadas. Um fator que pode controlar as mudanças linguísticas, por exemplo, é o prestígio da modalidade literária que muitas vezes freia o processo de mudanças populares, uma vez que o registro escrito da língua literária permite que essa se apresente estática, conservada pela disciplina gramatical.

No idioma, todos os elementos são passíveis de alterações diacrônicas: as formas gramaticais, a sintaxe, bem como a fonética. No entanto, segundo Borba (1975: 43), o tipo de alteração mais visível é o fonético, onde se compara facilmente o estado atual de um som com estágios anteriores. Ex.: em português percebemos que a forma *poboo* é um estágio da história do fonema /v/ atual nesta palavra, que no latim era *populu*>*poboo*>povo.

Sabe-se que atualmente a interdependência das abordagens sincrônica e diacrônica, que tem como base o conceito de estado linguístico, leva a uma nova compreensão dos fenômenos evolutivos da língua, considerada, então, como a passagem de um estado a outro. Por outro lado, toda regra de gramática normativa sincrônica possui uma explicação histórica, como ilustrado com a transformação ocorrida na palavra povo. Faraco (2005) afirma que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. E o autor acrescenta que, no caso da história de uma dada língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e pragmáticas.

Estudar a história interna de uma língua é fundamental para o conhecimento das transformações ocorridas na sua diacronia, e com isso, assimilar melhor o seu estado atual. Na sequência deste texto serão apresentadas alterações observadas nas preposições **com**, **em**, **por** e **per** na língua portuguesa, mais especificamente alterações de grafia e sentidos numa perspectiva histórica.

Tendo como base o princípio metodológico de que o estudo sincrônico precede o diacrônico, por entender que para analisar as transformações ocorridas no idioma em determinado período histórico, é preciso comparar diferentes estados da língua caracterizados como tais. Para entender as alterações gráficas e semânticas ocorridas com as preposições **com**, **em**, **por** e **per**, faz-se necessário puxar a linha do tempo desde a língua latina, fonte primeira da língua portuguesa,

até o século XX, investigando, estaticamente, o português dos séculos XIV e XV, dos séculos XVI e XVII, dos séculos XVIII e XIX, para comparar cada estado com o português do século XX. Borba (1971) afirma ser a diacronia o constante vir a ser dos fenômenos linguísticos e que a análise diacrônica é obrigatoriamente comparativa.

Além da comparação nos diferentes períodos, confrontamos, brevemente, os nossos conectivos preposicionais com preposições de outros idiomas romances, como o espanhol, o italiano e o francês que em algum momento de sua trajetória, influenciaram ou foram influenciados pelo português. A comparação permite observar as influências que favoreceram as alterações das nossas preposições e explicar por que elas possuem a grafia e os sentidos empregados na contemporaneidade.

A constituição do *corpus* foi exclusivamente de textos escritos, o que Borba (1971) afirma ter a vantagem de possibilitar a verificação constante da análise, ao mesmo tempo em que se evita a descrição de um sistema linguístico individual que não representa a coletividade dos usuários do idioma. Para selecionar a amostra fez-se necessária a fixação em um determinado registro do idioma, para isso recorremos aos textos de época, retirados da *Crestomatia arcaica*, de J. J. Nunes (1959) e de *Textos arcaicos*, de J. L. de Vasconcellos (1959).

Para efeitos deste artigo, descrevemos a abordagem realizada sobre os séculos XIX e XX, em que escolhemos obras literárias variadas de escritores brasileiros, dando preferência à prosa e, quanto ao gênero literário, procuramos variar entre contos, auto, romances etc., com o intuito de diversificar estilos, ao mesmo tempo em que selecionamos autores que representam uma forma mais ou menos padronizada da língua (com pouca reprodução da língua espontânea, por não ser este o objeto do nosso estudo).

## HISTÓRIA EXTERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Vasconcellos (1959) confirma que os primeiros textos extensos, escritos na língua portuguesa, datam do século XII, embora em muitos documentos latino-bárbaros, do século IX em diante, apareçam palavras que podem ser consideradas portuguesas. Vale observar que até meados do século XVI o idioma apresenta características gramaticais, estilísticas e lexicológicas que o diferenciam dos outros períodos, fato observável nos textos consultados referentes aos séculos XIV, XV e XVI.

O galego-português medieval foi utilizado durante o período compreendido entre o começo do século XIII e meados do século XIV, período posterior à Reconquista. Teyssier (2007) descreve o galego-português como a língua da primitiva poesia lírica peninsular e afirma que os textos mais

antigos registrados nesse idioma datam do início do século XIII. Nesse mesmo século aparecem registros do uso da língua vulgar em documentos oficiais e particulares em que há uma mescla de galego e leonês que, de acordo com Teyssier, apesar das imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e “fonética” do que aquela que prevalecerá em português alguns séculos mais tarde.

O galego-português era utilizado não só como meio de expressão lírico-literária, mas também em forma de prosa, em documentos cartoriais, bem como na fala. Esses usos diferenciados da língua, bem como as circunstâncias sociais, econômicas e culturais alteraram os rumos do galego-português, uma vez que este já não correspondia mais às necessidades políticas e ideológicas da nova nação. Deu-se, então, a ruptura do galego e do português, sendo que com tal acontecimento esta língua passou a assumir características próprias como idioma da nação portuguesa. Este fato se deu em meados do século XIV, em razão de diversos acontecimentos históricos e políticos, sendo que a origem da língua portuguesa começa a ser evidenciada, primeiramente na literatura, e mais tarde nos espaços sociais.

A primeira gramática de um idioma europeu moderno foi escrita em 1492 por Antonio de Nebrija intitulada *Grammatica de la Lengua Castellana*. A língua portuguesa teve o seu registro em gramática em 1536, quando Fernão de Oliveira escreveu a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Essa publicação, e outras como a Gramática de João de Barros foram de grande importância para o processo de consolidação da língua portuguesa.

No começo do século XVI tem início a história da língua portuguesa no Brasil, portanto, a nossa história, que faz parte da história de Portugal, começou a ser construída no período em que a língua portuguesa iniciava o seu processo de gramatização no continente europeu.

## A ORIGEM DAS PREPOSIÇÕES

Grandgent (1953) afirma que na passagem do latim vulgar para as línguas romances, partículas como preposições, conjunções e advérbios passaram por processos de alteração ou de substituição. No caso das preposições, houve regiões latinizadas em que umas partículas tiveram mais aceitação do que outras; esse fato virá a explicar a fixação de determinada preposição em algumas línguas neolatinas e em outras não, como **ab** que se tornou desnecessária no latim vulgar porque já existiam **de** e **per**; **apud** que em parte foi substituída por **ad**. Na região da Gália, houve as seguintes alterações: **cum** deu lugar a **apud**; **ex**, por sua vez cedeu seu lugar a **de**; e **ob** foi substituída por **pro** e **per**.

Na região da Espanha e em uma grande extensão da Gália Setentrional, a partícula *pro*, devido à influência do *per*, se transformou em *por*. Na Gália do Sul, Itália e Dácia permaneceu a preposição *per*. No entanto, as demais preposições latinas como: *cis*, *erga*, *prae* e *propter* foram substituídas por outras expressões desenvolvidas ou adaptadas em cada idioma romance.

Brandão (1963) esclarece que a origem das preposições, em línguas provenientes do indo-europeu, se encontra em partículas formadas de diferentes classes gramaticais com função adverbial: advérbios, adjetivos, participios e substantivos. Na prática, as classes são diferentes, mas a função que estas partículas exercem está próxima àquelas do advérbio. Estes conectivos serviam para indicar, com melhor precisão, determinadas circunstâncias e sutilezas do enunciado, principalmente as relações de espaço, tempo e direção, as quais deram origem a outras como: fim, modo, meio, causa etc. Originalmente, afirma o autor, as partículas possuíam sentido próprio e pleno, unidas a outros elementos na estrutura frasal, sem limitar o seu significado, como os verbos e os nomes que estas preposições relacionam.

O sânscrito, o dialeto homérico e até mesmo o latim oferecem espécimens dessa primitiva colocação livre. Com o volver do tempo, porém, tais partículas tenderam agrupar-se ou com um verbo, ou com um nome-complemento, pôsto em determinado caso, tornando-se inseparáveis deles (BRANDÃO, 1963, p. 541).

Said Ali (1964) confirma haver pontos de contato entre os advérbios e as preposições, pelo fato das preposições latinas primeiramente terem sido advérbios; na língua portuguesa parte dos conectivos preposicionais veio do latim, outra parte fora tirada de advérbios portugueses com o acréscimo da palavra “de”, por exemplo, formando locuções prepositivas. Para o autor, as preposições desempenham papel análogo ao dos sufixos dos antigos “casos oblíquos” latinos, que eram usados antepostos a substantivos e pronomes (e também ao infinitivo como forma nominal) para acrescentar a estas classes de palavras noções de lugar, instrumento, meio, posse, companhia etc.

Para Said Ali (1964) muitas partículas prepositivas usadas no idioma latino desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. As que passaram para a língua portuguesa sem modificações de forma foram: *ante*, *contra*, *de*, *per*. As preposições que foram alteradas são: *ad* > a; *post* > pós; *cum* > com; *inter* > entre; *sine* > sem; *trans* > trás; *pro* > por; *secundum* > segundo; *in* > em; *sub* > sob, so.

Algumas destas partículas continuam a usar-se em latim; outras tiveram novas aplicações além das antigas; em *trás* alterou-se completamente o sentido primitivo. Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéias tornou possível o alargamento do domínio semântico de

algumas a ponto de invadirem umas o domínio das outras e se confundirem por vezes as partículas na aplicação prática (SAID ALI, 1964, p. 203-204).

As influências externas sofridas pelo latim, devido à expansão do império romano, acarretaram alterações significativas na estrutura da língua. Um dos principais registros observáveis é o uso das preposições na substituição dos casos, fenômeno que passou a ser frequente, estendendo esse processo de transformação para as línguas neolatinas. As preposições tinham a função de estabelecer relação entre elementos e eram usadas para maior clareza ou ênfase.

Borba (1971), no seu estudo sobre as preposições, afirma que não há relação direta entre preposição e caso; pois do contrário, as línguas que têm casos não teriam preposições ou teriam muito poucas. No entanto, o latim conta com 38 preposições (25 com acusativo; 9 com ablativo e 4 com acusativo/ablativo); ao passo que o grego só tem 18. Das 44 do russo, 24 regem genitivo; 6 dativo; 3 acusativo; 2 instrumental; 1 prepositivo; 6 regem dois casos e 2 outros três casos.

Carneiro Ribeiro (1957), na sua obra Estudos Gramaticais e Filológicos, considera essenciais na língua portuguesa as preposições: a, ante, perante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob e sobre. Na visão do autor, no final do século XIX, há de se considerar separadamente as duas preposições **per** e **por**, fato que os gramáticos do século XX desconsideraram, reduzindo, assim, o número das preposições essenciais para dezesseis, por entender a junção das preposições **por** e **per** em apenas uma: **por**.

As gramáticas históricas de Melo (1945), Carneiro Ribeiro (1957) e Said Ali (1964) classificam as preposições como partículas que pertencem ao grupo de palavras variáveis, mas que passaram por processo de transformação até se tornarem invariáveis.

É costume dividir as partículas em quatro espécies: advérbios, preposições, conjunções e interjeições, mas, propriamente falando, essas quatro espécies não passam de duas, uma que compreende os advérbios, preposições e conjunções, outra na qual entram as interjeições, visto como entre as três primeiras não há em rigor verdadeira distinção, tendo, na sua origem, a maioria das chamadas conjunções saído dos advérbios e destes as preposições latinas que foram adoptadas pela nossa língua (NUNES, 1945, p. 340).

Nascentes (1960: 101) define a preposição como a palavra que estabelece relação entre duas outras. A função de conectivo relacional e a divisão em essenciais e acidentais utilizadas pelo autor correspondem aos mesmos conceitos da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB – 1959), em que são enunciadas como preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre e trás.

## A SIGNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA

Ullmann (1964) vê a significação linguística como uma relação recíproca e reversível entre nome e sentido, que pode ser investigada a partir de qualquer um dos extremos: pode partir-se do nome e procurar-se o sentido ou sentidos que estão ligados a ele, como encontramos nas listagens trazidas pelos dicionários alfabéticos; mas pode também partir-se do sentido e buscar o nome ou nomes a ele relacionados. Em toda significação linguística haverá mudanças que acompanham o processo natural do idioma e, embora as causas sejam as mais diversas, podemos observar que muitas palavras ampliam ou estreitam o seu significado enquanto continuam sendo utilizadas no decorrer do tempo em uma dada língua.

Sejam quais forem as causas que produzam a mudança, deve haver sempre alguma ligação, alguma associação, entre o significado antigo e o novo. Nalguns casos a associação pode ter força bastante para alterar por si só o significado; noutros fornecerá apenas um veículo para uma mudança determinada por outras causas; mas, de uma forma ou de outra, um tipo qualquer de associação estará sempre por detrás do processo. Nesse sentido, a associação pode ser considerada como uma condição necessária, um *sine qua non* da mudança semântica (ULLMANN, 1964, p. 438).

As palavras, no contexto do discurso, além do seu sentido próprio, podem apresentar sentido metafórico, ou seja, transferência de uma acepção para outra. Segundo Nascentes (1960), estas mudanças de significação geralmente são devidas a dois fatores: generalização do específico e especialização do geral. O autor considera a gramatização que as palavras sofrem ao longo do tempo e para ilustrar ele utiliza o verbo “britar” que possuía o sentido genérico de “quebrar” e tomou o sentido mais restrito de “quebrar pedras”, havendo, assim, a especialização de um sentido geral. Por outro lado, tem-se a palavra “cavalo”, que antes era utilizada para caracterizar “cavalo ruim”, e passou a significar qualquer tipo de equino, havendo, neste caso, uma generalização do significado.

Said Ali (1951) utiliza um conceito semelhante ao de Nascentes para alteração semântica, ao definir este processo como extensão de um termo de sentido especial que passa a ter sentido geral e *vice-versa*. As mudanças de significação que ocorrem nos vocábulos ao longo do tempo e do espaço fazem parte do domínio da semântica e podem ser observadas pela metonímia, analogia e eufemismo.

Nascentes (1960) examina algumas mudanças de significação das palavras e como este processo se dá em relação à fonética, morfologia e sintaxe. Há palavras que mudam de sentido conforme a acentuação: válido e valido; conforme o timbre: fôrma e forma. Na morfologia a alteração de significado se relaciona ao número: ar e ares; ao gênero: o moral e a moral. Na sintaxe

a regência acarreta mudanças: o julgamento em Nuremberg não é o mesmo que o julgamento de Nuremberg. A sintaxe de colocação também altera a significação das palavras: pequena mulher não é o mesmo que mulher pequena. Estes são alguns exemplos de mudanças semânticas que podem ocorrer em um idioma.

## O SIGNIFICADO DAS PREPOSIÇÕES

O nosso interesse específico, neste estudo, não é a semântica geral e, sim, a semântica das preposições, em particular, na língua portuguesa, haja vista serem elas componentes estruturantes do idioma. Said Ali (1964) afirma que originariamente cada preposição teve um sentido delimitado, mas a associação de ideias tornou possível o alargamento do domínio semântico de algumas a ponto de invadir umas o domínio das outras e confundirem a aplicação na prática. Todavia, Almeida (1989) ao lançar questionamento sobre a significação das preposições, reafirma a ideia de alargamento de sentido das mesmas que já havia sido expresso por Antenor Nascente e Said Ali, como se verifica a seguir:

Quem afirmou que as preposições têm sentido fixo em Português? Quem, ciente do que faz, um dia se aventurou a dar os significados das preposições vernáculas, sem o cuidado de exemplificar o emprego? Jamais dirá o professor consciencioso que “de” indica posse, “sobre” significa “em cima de”, “com” denota companhia. As preposições nossas não têm significação intrínseca, própria, senão relativa, dependente do verbo com que são empregadas, variável de expressão para expressão (ALMEIDA, 1989, p. 337).

Segundo Souza Silva e Koch (2001), os morfemas gramaticais na língua portuguesa se enquadram em quatro tipos: classificatórios, flexionais, derivacionais e relacionais. Vejamos, a título de ilustração:

- a) classificatórios: possuem como função distribuir os vocábulos em classes de nomes (substantivos e adjetivos) e verbais. Estas classes se subdividem em nominais (-a, -e, -o) e verbais (-a, -e);
- b) flexionais: alteram os morfemas lexicais, indicam as categorias gramaticais nos nomes (gênero e número); nos verbos (modo e tempo, número e pessoa);
- c) derivacionais: dão origem a novas palavras na língua, a partir do morfema lexical;
- d) **relacionais**: servem para ordenar os elementos da frase; possibilitam a concatenação dos morfemas lexicais entre si; são eles: **as preposições**, as conjunções e os pronomes relativos.

Na língua portuguesa, as preposições são empregadas com muita frequência e uma das principais causas é o seu papel esclarecedor em construções que, sem elas, seriam ambíguas,



tornando o discurso verbal sem clareza, o que foge à finalidade comunicacional. Gaya (1976) afirma existir no discurso elaborado uma relação mental entre os elementos sintáticos e os seus complementos, expressos por meio de diferentes sinais gramaticais, como exemplo, tem-se as preposições e as conjunções. Sendo que as conjunções se encontram na relação das orações compostas e as preposições, por sua vez, pertencem essencialmente à oração simples.

Aunque no sea posible en todos los casos separar absolutamente las conexiones lingüísticas que una y otra clase de partículas significan, y a sabiendas de que existe entre ambas una zona de delimitación borrosa, mantendremos la diferenciación tradicional por motivos de claridad expositiva y porque responde a una realidad funcional evidente (Gaya, 1976: 185).

## EMPREGO DAS PREPOSIÇÕES COM, EM, POR e PER NO SÉCULO XIX

### – Preposição com

Durante o século XIX a preposição **com** continua a ser empregada no sentido de companhia, como nos séculos anteriores, quando a um ente se associa outro para praticar uma ação ou sofrê-la, como se constata no exemplo: “Aleixo amigado **com** a portuguesa, **com** a D. Carolina!” (Caminha: 1895, p. 183).

Com o passar do tempo, houve alterações de sentido, ganhando a conotação de instrumento, maneira, causa, etc., como no seguinte exemplo: “A energia dos sentimentos se havia despertado **com** extraordinária precocidade na alma do mancebo, que apenas púbere já sentia fundamente todos os violentos transportes da paixão, todos os seus inefáveis gozos, e raladoras” (Guimarães, 1994: 87).

É empregada como instrumento, no sentido de meio, quando aquilo com que se pratica uma ação é algo concreto, como no exemplo: “Chegou a pôr pela porta fora **com** um pau as pobres moças depois de as ter espancado desapiedadamente” (Almeida: 1996, p. 83).

O sentido de instrumento ou meio passou para o sentido de maneira, em certas construções, quando se refere a partes do corpo ou ações relacionadas a elas. Neste caso, as expressões poderão ser substituídas por algum verbo acompanhado de advérbio de modo, como no seguinte exemplo: “Amaro dormia profundamente, **com** a bôca aberta, estendido na cama, o boné sôbre os olhos, um fio de baba escorrendo pelo queixo, imóvel (...)” (Caminha: 1895, p. 107).

A preposição **com** pode também denotar fato simultâneo ou paralelo a outro. Neste caso, o fato simultâneo, ou que acompanha alguém, pode atuar sobre este indivíduo e manifesta-se como causa determinante da sua ação ou situação, como no exemplo a seguir: “Êle sofria tudo **com** aquêlê orgulho selvagem de animal ferido, que se não pode vingar porque está prêso, e que morre sem um gemido, **com** o olhar aceso em cólera impotente!” (Caminha: 1895, p. 123).

### – Preposição em

Exprime interioridade com referência tanto a lugar como a tempo. Seu emprego pode denotar, também, estado de alguma coisa, divisão, distribuição, e superposição como no seguinte exemplo: ” À última chibatada, Bom-Crioulo rodou e caiu **em** cheio sôbre o convés, porejando sangue” (Caminha: 1895, p. 124).

Muito utilizada no discurso para indicar o *lugar onde* as coisas se passam; menos comum o seu emprego com acepção diretiva, como no exemplo: “Lá no fundo da valada onde ia morrer o rincão entre duas linhas de espigões, desenhavam-se ao longe **em** fundo luminoso e pitoresco as casas, os currais e os tufados pomares de uma linda fazenda” (Guimarães: 1994, p. 17-18).

No tipo de construção cujas expressões significam **lugar para onde**, em geral, na língua portuguesa, são utilizadas as preposições **a** ou **para**, e às vezes, **contra**. A preposição **em**, com sentido diretivo, aparece junto a verbos como: *lançar, meter, pôr, deitar, admitir, sair, saltar, caminhar*, etc., como no seguinte exemplo: “O Leonardo entendeu bem a significação daquelas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, **na** direção que este lhe indicava” (Almeida: 1996, p. 141).

Em expressões como: **crer em, pensar em, meditar em, refletir em, transformado em** etc. a preposição indica a direção da crença, do pensamento etc., conforme se observa a seguir: “Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava **em** coisa muito mais agradável; pensava **em** Luisinha” (Almeida: 1996, p. 111).

Verbos com sentido de **passar de um estado a outro**, pedem um complemento formado com a preposição **em**, por significar movimentos encaminhados em determinado sentido. São eles: transformar, converter, desfazer etc., como no exemplo: “Se a imagem da simples e travessa menina de doze anos não se tinha apagado do espírito durante uma ausência de quatro anos, a presença real dela agora transformada **em** mulher, antes **em** anjo radiante de mocidade e formosura (...)” (Guimarães: 1994, p. 59).

Nas frases **em comprimento, em largura, em altura, em profundidade**, a preposição **em** é empregada com o sentido de **lugar para onde** seguem as linhas de medição, como no seguinte exemplo: “Os meninos quedos e taciturnos olhavam **em** derredor de si com tristeza” (Guimarães: 1994, p. 21).

### – Preposição por

Durante o século XIX permanece o emprego da preposição **por** com o significado de **em favor de**, conforme observado a seguir: “(...) e apenas tinha ele obtido licença para cumprir o duplo

dever de dar os pêsames a D. Maria, e agradecer o interesse que **por** ele [*em favor dele*] havia tomado (...)” (Almeida: 1996, p. 169).

A preposição **por** igualmente expressa substituição, equivalência, proporção, como no exemplo: “Eugênio não pôde suportar **por** mais tempo a triste solidão em que gemia abraçado com a cruz do seu sofrimento” (Guimarães: 1994, p. 100).

Também é utilizada a preposição **por** quando se associa a verbos de movimento como **ir por**, **passar por**, **sair por** etc., como no exemplo a seguir: “E saiu **por** ali muito feliz, muito alegre, todo alvoroçado, anunciando seu destino” (Caminha: 1895, p. 29).

A preposição **por** continua sendo usada para denotar causa; porém no sentido de **efeito a atingir**, caiu em desuso, sendo suplantada pela preposição **para** que surgiu como uma mudança semântica específica e a partir de então, não se usa mais o **por**, senão **para**, como no seguinte exemplo: “É esta uma simpatia de que usam as nossas roceiras **para** tornarem as cobras imóveis e pregá-las, por assim dizer em um lugar, e dizem que é de um efeito imediato e infalível” (Guimarães: 1994, p. 25).

#### – Preposição *per*

Durante este período, permanece o seu emprego com o sentido que tinha em latim e em português arcaico: **através de**, **por meio de**, e podia significar *lugar por onde* alguma coisa se estende e *duração de algum acontecimento*. Essa significação, durante o século XIX, é observada no emprego de **por** em substituição a **per**, como no exemplo: “Da frente da capela **por** [*através de*] uma extensa e íngreme ladeira desce uma rua extremamente irregular e tortuosa, que vai terminar à margem do pequeno Rio Maranhão, que divide o arraial em dois, comunicando-se **por** [*por meio de*] uma ponte de madeira” (Guimarães: 1994, p. 33) (grifo nosso).

Ao substituir a preposição latina **per**, a partícula **por** passou a significar, metaforicamente, a pessoa por meio da qual uma ação se executa e a coisa que serve de meio para executar uma ação, conforme exemplo a seguir: “Ficara abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo **por** aquê animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar” (Caminha: 1895, p. 125).

Do emprego antigo, **per** só conserva os vestígios de **per si**, de **per meio**, **perante** e **pelo**. Permanece o emprego de **pelo**, como no exemplo: “Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo, sabia igualmente que o padre não pode casar-se, e muito menos amar uma mulher qualquer; mas nunca lhe passou **pelo** espírito a idéia de casamento com Margarida (...)” (Guimarães, 1994: 48). Sendo que, com o passar do tempo, a forma **perante** começou a cair em

desuso, embora o seu sentido permaneça o de posição de anterioridade, como no exemplo: “De qualquer modo, estava justificado **perante** sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam cousas medonhas no tocante à vida particular” (Caminha: 1895, p. 63).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade e a variedade das preposições apontam para a especificidade semântica desses conectivos, nas línguas que as possuem no seu sistema e, sendo assim, contrariamente de algumas teorias que colocam as preposições como partículas meramente instrumentais e carentes de sentido próprio, estas são elementos que além dos sentidos de base adquirem novas conotações que são dadas conforme o contexto discursivo.

Na língua portuguesa, as preposições foram sofrendo, no decorrer dos séculos, alterações de sentido em decorrência da ampliação ou restrição do campo semântico, sendo que em determinadas situações alguns desses conectivos assumem a significação de outros e, o uso leva a fixar sentidos próprios a determinada preposição, contribuindo, assim também, para a diferenciação entre línguas de uma mesma família linguística, como as línguas romances que têm por base o latim.

Na nossa proposta de estudo foram investigadas as alterações ocorridas com as quatro preposições escolhidas (com, em, por e per) e se pode afirmar que do ponto de vista diacrônico não houve mudança de forma, dada a permanência que todas elas registraram nesse aspecto, caracterizadas por Cunha e Cintra (2001) como sendo simples, formadas por um só vocábulo. O que houve foram oscilações gráficas (até meados do século XVII), ocasionadas pelas influências de outros idiomas romances, como puderam ser observadas no registro escrito da língua, em que as diferenças fonéticas, como no caso do espanhol em que a preposição “**en**” não se nasaliza, enquanto no português arcaico a nasalização é registrada pelo uso do til. Na escrita o “*in*” latino passa para “**en**” e subsequentemente para “**ẽ**” até chegar a fixar a forma **em** que vige no Português atual.

A análise do *corpus*, nos diferentes estados da língua, permite observar que os processos de mudanças de sentido envolvendo as quatro preposições escolhidas são caracterizados pela própria dinâmica da língua que a cada época agrega novas marcas de expressividade ligadas ao tempo, espaço ou noção, frutos da criatividade dos falantes que atuam como modificadores constantes nesse processo.

Acreditamos que as descrições aqui apresentadas poderão ser úteis para futuras pesquisas que visem aprofundar estudos sobre os componentes estruturantes da língua portuguesa, bem como outros aspectos dos conectivos relacionais que permitam um conhecimento cada vez mais adequado da língua materna, para que a visão de um determinado estado da língua não seja configurada como a única forma “politicamente viável” de usos. As alterações que se sucederam e se complementaram no decorrer do tempo fazem do idioma português o que ele é hoje, muito embora não saibamos, de fato, em que ele se transformará amanhã. Caberá a cada geração zelar por esse patrimônio cultural que é a língua, sem o qual, a nossa história fica incompleta.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 3 ed. São Paulo: FTD, 1996.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*, 36 ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- BORBA, Francisco S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Sistemas de preposições em português*. [Tese de Livre-docência do Departamento de Linguística e Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP)]. São Paulo: 1971.
- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, 1963.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. Rio de Janeiro: Olive Editor (s/d).
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1972 [1972]
- \_\_\_\_\_. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: 1994.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo das línguas*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FÁVERO, L. L. & MOLINA, M. A. G. *As concepções linguísticas no Século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- FÁVERO, L. L. *As concepções Linguísticas no Século XVIII – A Gramática Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- GAYA, Samuel Gili. *Curso superior de sintaxis española*. 11 ed. Departamento Editorial. Barcelona: 1976.
- GRANDGENT, C.H. *Introducción al latín vulgar*. 2 ed. Madrid: Selecciones Gráficas: 1953.

GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. São Paulo: FTD, 1994.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia e à linguística portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

\_\_\_\_\_. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946 [1945]

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. 5 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou Nova grammatica portugueza*. 5 ed. Salvador – Bahia: Progresso Editora, 1950.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.

\_\_\_\_\_. *Grammatica elementar da língua portugueza*. 4 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1963.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

\_\_\_\_\_. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Estudos de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961.

\_\_\_\_\_. *Textos arcaicos*. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959 [1919].

VENDRYES, J. *Le langage. Introduction linguistique à l'histoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1950.

**Data de Recebimento: 12/07/2016 | Data de Aprovação: 04/10/2016**